

APRESENTAÇÃO

Nesse dossiê extraordinário da Ideação sobre **Filosofia e Ensino** buscamos compor um conjunto de artigos que tragam aos leitores e leitoras reflexões pontuais sobre o processo de ensino da disciplina filosófica, assim como temas que circundam o próprio diálogo profícuo e necessário entre filosofia, educação e didática. A escolha por esta temática torna-se mais que oportuna na conjuntura nacional atual em que se discute a reformulação da estrutura curricular do ensino médio e até mesmo a expectativa de se propiciar ou não — o estudo de filosofia nas escolas de educação básica no cenário nacional.

Com um processo irregular de oferta ao longo da história, nos variados dispositivos legais que regulavam as prerrogativas curriculares nos cursos secundários até a sua obrigatoriedade legal com a reforma da Lei nº 11.684 em junho de 2008 que alterou o artigo 36 da Lei nº 9.394/96, a disciplina filosófica (em conjunto com a Sociologia) passou a incluir o quadro de disciplinas obrigatórias durante o eixo formativo curricular do ensino médio. Tal medida impulsionou e promoveu a oferta e o interesse para os cursos de licenciaturas em Filosofia, assim como fomentou a produção científica sobre o tema, a saber: ensinar filosofia na educação básica.

Mesmo diante do caminho tortuoso pelo qual a oferta da disciplina filosófica enfrentou nos currículos oficiais, não devemos ignorar que o ensino de filosofia é uma presença no ensino médio garantida pela sua inclusão na área de ciências

humanas da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Exatamente por isso, torna-se relevante pensar sobre as possibilidades e potencialidade de seu ensino, assim como divulgar experiências que impulsionem o ensino filosófico para além da estrutura disciplinar, enfatizando seu caráter complexo e polilógico, assim como sua historicidade enquanto fenômeno cultural e social.

Distantes daqueles que apregoam a identidade do ensino filosófico na educação básica como algo meramente reprodutivo ou mesmo impossível, caminhamos ao lado e em conjunto com os que acreditam que ensinar filosofia é compartilhar do permanente estranhamento e desnaturalização do mundo que nos cerca, tecendo heterotopias em um estado permanente de vigília.

O dossiê oferece artigos de pesquisadores convidados e oriundos de chamada aberta que propiciam ao leitor horizontes conceituais diversos, mas comprometidos em articular a reflexão filosófica sobre a prática docente e prioritariamente a escolha do “ensinar filosofia” como um problema fundamentalmente filosófico. Nesse sentido, nossos autores e autoras são professores-filósofos e discutem a questão do interior das salas de aula da educação básica ou mesmo dentro da esfera das universidades e grupos de pesquisa sobre o tema.

Abrindo o dossiê, Dante Augusto Galeffi situa a questão do ensino de filosofia na contemporaneidade em frente à falência do modelo disciplinar. No artigo “Para que serve ensinar filosofia na educação disciplinar? Projeto/invenção da aprendizagem filosófica no educar transdisciplinar”, o autor propõe ao leitor pensar o desafio de um ensino

filosófico comprometido com a atitude criadora e radical em consonância com uma escuta polifônica e conectada à tarefa de reinventar o ensino filosófico como atividade problematizadora e dialógica por excelência.

Felipe Araújo e Filipe Ceppas, no artigo “A aula de filosofia como oficina e Criação”, defendem, por meio do pensamento deleuziano, a aula da filosofia no ensino médio como uma oficina de criação, destacando a necessidade de se relacionar o ensino filosófico não somente à mera reprodução passiva de seus temas e histórias, mas ao ato da criação conceitual, propondo o estudo do conceito como uma necessidade inventiva e uma ferramenta de intervenção na própria realidade dos discentes.

Em “Fragmentos de ideias sobre ensino de filosofia e re-existência”, a professora Renata Aspis nos proporciona uma reflexão sobre a possibilidade de um ensino de filosofia como acontecimento intermediado pela própria capacidade de afeto e desejo como produção de possíveis, tomando como referências as concepções deleuzianas de aprendizagem e o conceito spinozano de afeto.

Alessandro Reina, em “Cinema e educação: da reprodutibilidade técnica à ação cineclubista emancipadora”, nos oferece uma proposta pedagógica do uso dos cineclubes para o ensino de filosofia, além de discorrer sobre o papel da sétima arte na indústria cultural e na sua mobilização como tecnologia em prol da educação filosófica para a autonomia dos sujeitos e no fomento de uma educação estética, política e culturalmente significativa.

O texto “A Filosofia como possibilidade da experiência Filosófica no Ensino Médio a partir do conteúdo curricular”,

de Joelson Alves Onofre e Caroline Moraes, convida os leitores a refletir sobre o papel do ensino de Filosofia no ensino médio, sua identidade curricular, assim como advoga sua presença articulada à promoção da aprendizagem do pensamento e à construção da autonomia dos discentes.

Na sequência, tendo como mote o mesmo tema, Caio Leone de Almeida, com o artigo “Filosofia e Ensino: questões e desafios para o professor de filosofia no ensino médio”, discorre sobre a imagem da disciplina filosófica nos dispositivos institucionais, destacando seu caráter instrumentalista em um ambiente escolar marcado pelo utilitarismo. Com isso, o autor destaca o desafio do professor/filósofo para reinventar o ensino filosófico como um saber com um fim em si mesmo e promovedor da experiência do pensar.

Paulo Sérgio Dantas Vasconcelos nos convida a pensar sobre a relação indissociável entre o ensinar filosofia e o ato pedagógico que acompanha tal processo. Com o texto “Possíveis articulações da filosofia com a educação do pensamento”, o autor apresenta a proposta de uma educação filosófica comprometida com o exercício de pensamento, destacando a importância de um ensino atrelado não somente às questões técnicas, mas sobretudo à própria reinvenção do mundo.

Com o texto “Contribuições possíveis de Pierre Hadot ao ensino de filosofia”, de Gabriel Rodrigues Rocha, temos uma discussão teórica do ensino de filosofia como problema filosófico por meio do direcionamento para o eixo educativo dos conceitos e teses desenvolvidas na obra do filósofo francês.

Sudelmar Dias Fernandes apresenta no artigo “Aspectos filosóficos da educação no período clássico grego” uma reflexão sobre os principais pressupostos da educação na antiguidade clássica grega e sua contribuição no processo de formação de uma racionalidade diferenciada do período homérico, destacando para isso as ideias dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles.

O artigo “A Ritmanálise da Educação: A imagem da criança em Bachelard”, de Gabriel Kafure da Rocha, analisa o conceito bachelardiano de ritmanálise, propondo uma relação entre hábito, instante e ritmo como fatores associados à produção do saber científico e suas associações com o ato de ensinar/aprender.

Em “Foucault, Deleuze e a máquina escolar: a escola como dispositivo de poder e a produção de corpos dóceis”, Bruno Abílio Galvão, por meio do estudo da concepção de poder dos pensadores franceses Michel Foucault e Gilles Deleuze e de conceitos como “agenciamento” e “máquina abstrata”, tematiza a questão do espaço escolar como ambiente articulado à produção de disciplinas sobre os corpos e a fomentação de práticas pedagógicas normatizadoras que reelaboram a subjetividade dos sujeitos envolvidos.

Por sua vez, o artigo de Reinaldo Ramos da Silva, “A filosofia ‘obrigatória’: Paulo Freire, Gramsci e a lei 11684/2008”, provoca um debate instigante e atual que discute a questão da obrigatoriedade da disciplina filosófica no ensino médio, destacando o viés político de todo ato educativo. Para tanto, por meio do pensamento de Paulo Freire e Antonio Gramsci, o autor busca problematizar o ensino filosófico não somente enquanto presença disciplinar

inserida como mais um adorno no espaço escolar marcado por uma educação bancária, mas sobretudo como uma presença insubordinada e desconstrutora que coaduna com uma educação para a autonomia.

Tratando de temas oriundos de experiências didáticas, Carlos Eduardo Gomes Nascimento apresenta um relato de experiência no artigo “A ética filosófica do Ubuntu na sala de aula”, oriundo de sua prática como pibidiano, em que tematiza elementos da filosofia Ubuntu como ponto de partida para um ensino filosófico pautado por uma prática educativa contrária ao racismo antinegro na escola, destacando a importância das experiências promovidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — PIBID — na formação dos futuros docentes de filosofia.

Com Rivelino dos Santos Matos, no artigo “Uma Introdução ao Ensino de Filosofia a partir da Literatura: a filosofia de Jean-Paul Sartre como ponto base”, temos uma proposta de plano de aprendizagem de ensino filosófico em que o autor articula o uso da literatura sartriana como prática educativa, artifício lúdico pedagógico e ponto de partida para a expressão de conceitos filosóficos, centrando-se em orientações procedimentais na construção de planos de aula mediados por tal perspectiva.

Sérgio Fernando Maciel Corrêa, com o artigo “A ‘disciplina’ de filosofia como promotora do debate sobre igualdade e diferença no ambiente escolar”, relata a proposta pedagógica oriunda de um projeto educativo interdisciplinar em que as atividades desenvolvidas buscaram promover um debate conceitual sobre o tema *raça e racismo no Brasil*.

Matheus de Lima Rui apresenta uma proposta metodológica para um ensino de filosofia mediado pelo conceito de “virtudes intelectuais”, desenvolvido por Linda Zagzebski. No artigo, “Orientações metodológicas para um ensino de filosofia baseado em virtudes intelectuais”, o autor destaca o papel do docente como figura motriz para uma aprendizagem direcionada a estimular a formação intelectual discente por meio de um processo virtuoso.

No texto “A educação no Teeteto de Platão: um estudo sobre a epistemologia do ensino e da aprendizagem”, Hedgar Lopes Castro se propõe a investigar o clássico conceito da maiêutica e sua relação com a possibilidade do conhecimento. A obra *Teeteto*, de Platão, é tomada como referência com o intuito de estabelecer uma “distinção entre opinião falsa e verdadeira para responder como o conhecimento pode ser definido”.

Por fim, Victor Hugo de Oliveira Saldanha, no escrito, “A filosofia e o seu ensino sob o diapasão da criatividade”, desenvolve uma análise sobre as proposições deleuzo-guattarianas sobre o que é filosofia, ressaltando os aspectos da criação conceitual como condição filosófica por excelência. O autor também busca desenvolver, por meio de tal perspectiva, a defesa de uma proposta didática para as aulas de filosofia na educação básica como oficinas conceituais. Para tanto, traz o pensamento de Silvio Gallo, destacando os aspectos didático-pedagógicos que orientam tal proposta. Com isso, coloca como crucial o papel da criatividade, da investigação e da experimentação no ensino de filosofia no ensino médio.

Com este dossiê extraordinário, a **Revista Ideação** demonstra mais uma vez seu compromisso e desejo de contribuir com reflexões filosóficas pertinentes e atuais, promovendo o debate e a circulação de ideias e horizontes. Esperamos uma excelente leitura e que os textos aqui apresentados sejam fontes de reflexão e que ampliem as possibilidades e a aposta em um ensino/aprendizagem de filosofia cada vez mais significativo na educação básica.

Francis Mary Rosa
Jorge Luiz Nery de Santana
Organizadores